
**RESISTÊNCIA MULTIVOCAL:
AGENCIAMENTO
E RESSIGNIFICAÇÃO
DE SÍTIOS PRÉ-COLONIAIS***



MARCÉLIA MARQUES**

Resumo: os sítios de arte rupestre não são dotados de um significado pré-determinado em vias de serem revelados apenas no plano da pesquisa científica, ao contrário, suas histórias efetivas foram alcançadas por múltiplas significações ao longo do tempo, podendo manter vínculos com os mais diversos narradores acerca de contextos culturais e históricos. No Estado do Ceará, Nordeste do Brasil, nos sítios arqueológico Furna dos Caboclos I e Furna dos Caboclos II, os ossos espalhados no interior de um desses abrigos foram atribuídos a um massacre em 1849.

Palavras-chave: *Arte Rupestre. Multivocalidade. Descolonização. Resistência. Genocídio.*

A construção do pensamento arqueológico está demarcada na modernidade. Bruno Latour, cujo trabalho se situa na história das ciências, considera que as ciências são as únicas provas para se esboçar o quadro de desenvolvimento do homem modernista. O Moderno é duplamente assimétrico, indica uma ruptura na passagem regular do tempo e ainda, que há vencedores e vencidos. (LATOURE, 2004, 2007). Esse autor ressalta que, apesar de haverem inúmeras definições para a modernidade, a passagem do tempo está demarcada em quase todas elas. Nessa perspectiva, é uma condição que está

* Recebido em: 22.08.2018. Aprovado em: 10.10.2018

** Doutora e Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco e pela Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, respectivamente. Coordenadora do Núcleo de Arqueologia e Semiótica do Ceará. Graduada em Antropologia Cultural pela Universidade de Brasília. *E-mail*: marcelia.marques@uece.br

no âmago da arqueologia em face das demarcações cronológicas em que se situam as sociedades e seus vestígios culturais. Neste sentido de um tempo que transcorre, a arte poética Baudelaire (1996, p. 26) nos diz das faces da ruptura: “a modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável”. Essa ruptura ressaltada no plano da arte também tem expressão singular, ou mesmo reflexo, no plano científico, nas práticas acadêmicas em centros universitários, vindo a se explicitar na ruptura e distanciamento entre o conhecimento científico e o popular/intuitivo. O colonialismo instalado na América Latina promoveu a consolidação de instituições acadêmico-científicas como réplicas das instituições científicas e educacionais modernizadas na Europa, no início do século XIX, que se alicerçavam em modelos tradicionais anteriores (CARVALHO; FLÓREZ-FLÓREZ, 2014).

Hoje, se constata o quanto no passado as pesquisas científicas estavam fundadas no empirismo, e por assim ser, no positivismo científico fundamentado na racionalidade. No encontro entre os agentes de conhecimento e os agentes sociais que mantinham os mais diversos vínculos com os contextos culturais, objetos do conhecimento arqueológico, havia distanciamento no fazer arqueológico. Ocorriam zonas demarcatórias entre o conhecimento científico e o conhecimento popular-intuitivo, conforme dito anteriormente. Esse cenário estava envolto nos véus da situação colonial em países que demarcaram suas histórias a partir de conquistas opressivas, onde as vozes dos colonizados eram abafadas. Um intenso hiato também se instalou no reconhecimento de pertencimento e dos sentidos da cultura material de populações pretéritas, que pudessem ressoar vivamente, nas populações do presente. É nesse mundo de saberes silenciados que se institui a pesquisa nos sítios de Arte Rupestres no Estado do Ceará, no município de Crateús.

Logo nas primeiras visitas e encontros com os sertanejos e indígenas que habitam a região onde se localizam os sítios supramencionados, antes de se fazer qualquer alusão a fisiografia do espaço, ou as pinturas dos sítios, emergiam narrativas sobre o trágico massacre indígena de 1849 – O Massacre da Furna dos Caboclos – como tema central. Situamos esse estudo de arte rupestre e vocalidade indígena na perspectiva da arqueologia simétrica empreendida por Bjørnar Olsen, ao afirmar que os sítios arqueológicos não são dotados de um significado pré-determinado em vias de serem revelados apenas no plano da pesquisa científica, ao contrário, suas histórias efetivas foram alcançadas por múltiplas significações ao longo do tempo, podendo manter vínculos com os mais diversos narradores acerca de contextos culturais e históricos (OLSEN, 2006). Portanto, os sítios de arte rupestre são passíveis de negociações textuais e dialógicas, entre os significados da cultura material e artística pré-colonial com as vozes das sociedades do presente. Em vista disto, a contextualização da arte rupestre se fará priorizando os elementos gráficos do painel de arte rupestre e as narrativas, especificamente, referentes ao massacre nos contextos da Furna dos Caboclos I e Furna dos Caboclos II, em 1849. Vale ressaltar que este episódio está circunscrito à oralidade, não tendo sido, até o momento, identificada documentação historiográfica.

A simetria entre nossos saberes foi tecida, desde os primeiros encontros, entre nós, os agentes do conhecimento arqueológico, e os indígenas Potiguara, agentes dos saberes intuitivo-populares, na busca de sentidos interativos e abertos às mais diversas proposições da construção destes mundos arqueológicos. A intenção não era trazê-los para o mundo arqueológico, prioritariamente, mas antes de tudo, que nossas linguagens e sensações pudessem dar sentidos a seus mundos. Deste modo,

os sentidos de nossas falas traziam o eco das pinturas rupestres, dos vestígios ósseos, também desse outro arcaico. Estranhas linguagens para todos nós, onde o outro, em suas trágicas e vigorosas ressonâncias chegavam até nós, e agora, transitavam para o plano da conceituação científica. O conhecimento científico tem suas regulações internas, quanto à verdade da história, no entanto, há outros domínios da verdade, onde nascem “subjetividades, domínios de objeto e tipos de saber”, uma verdade externa (FOUCAULT, 1978).

No Tempo do Abandono: a durabilidade e persistência da arte

Resistência e resgate se anunciam como duas palavras no plano técnico-político, a princípio, na percepção e na ação no campo da arqueologia. Do ponto de vista técnico, a resistência pode ser lida na cultura material ou em inscrições simbólicas e materializadas fisicamente na Arte Rupestre, como pode ser percebido nos pigmentos minerais e substâncias agregadas. Nesse plano está inscrito a durabilidade da matéria prima e dos procedimentos técnicos, empregados pelo artista, que permitem uma maior durabilidade/preservação da arte realizada. A durabilidade promove um senso de continuidade (BENDER, 1988). A resistência está demarcada ainda, em outras variáveis ambientais, tais como, às condições dos fenômenos climáticos que propiciam permanência da materialidade que permeia a arte. Esses fluxos do fazer e das condições duráveis se objetificam no tempo e se instituem como uma monumentalidade, representando os modos de ver e ser no mundo de populações pretéritas. Em meio a essas consistências e inconsistências de coisas, a afirmação de Deleuze e Guatarri faz emergir a potência da arte no que se conserva no impacto de sensações, no presente, ao dizerem que “[...] toda obra de arte é um monumento, mas o monumento não é aqui o que comemora um passado, é um bloco de sensações presentes que só devem a si mesmas sua própria conservação, e dão ao acontecimento o compasso que o celebra” (1997, p. 218).

A resistência e a durabilidade presentes no plano físico dos sítios arqueológicos possibilitaram a percepção e a ressignificação dos índios Potiguara no plano sociocultural e histórico. As narrativas do massacre imprimiram, na dimensão da vocalidade, resistência à dominação e opressão, vindo a demarcar a diferenciação e ressurgimento deste grupo indígena, pois conforme será visto adiante, uma índia escapou do massacre e assegurou a descendência ao grupo Potiguara. Resistência deste modo está circunscrita à etnogênese, entendida como processo cultural onde se cria uma nova identidade compartilhada e definida pelo próprio grupo, distinta dos demais (WEISMAN, 2007). Na memória dos índios Potiguara o massacre se constitui em acontecimento demarcador na reconstrução da identidade do grupo.

O resgate se relaciona aos procedimentos técnicos no campo do saber dos trabalhos de campo arqueológico para trazer à tona, material e discursivamente, as manifestações/expressões culturais pretéritas. Nessa perspectiva, nos textos e/ou nas falas pronunciadas ocorre um resgate de discurso, de representações advindas das leituras dos contextos arqueológicos. Se ressalta ainda, a formação da palavra contexto, no sentido de ser uma leitura com os textos arqueológicos, e mais objetivamente ainda, como remete o significado desta palavra contexto, que no emprego popular se refere a inter-relação de circunstâncias que acompanham um fato ou uma situação.

No campo político do saber arqueológico-científico e no plano filosófico, resistência se abre para contextualizações de sítios arqueológicos, pautadas nas vivências culturais vividas e significadas, no pretérito, e em discursividades no presente em meio ao fluxo das sensações, seja por arqueólogos, seja pelas populações que, direta ou indiretamente, se vinculam a estes contextos arqueológicos. Tempo, conservação e sensação permeiam a Arte Rupestre desde sua concepção até a resistência após o abandono. Embora não existindo mais os autores, nem sequer mantenedores, os sítios arqueológicos de arte rupestre permanecem em suas potências em causar sensações. Esses lugares não são mônadas de aço fechadas para interpretações da resistência física ou para leituras de significações para quem os conceberam. Os sítios de Arte Rupestre se abrem para diversas e diferentes leituras, e algumas delas mantenedoras e outras, transgressoras da ordem colonizadora.

Signo e História: furna dos caboclos e o massacre indígena

Indígenas que habitam as zonas do sertão são pessoas acostumadas a aridez de zonas semi-áridas, com paisagens onde a natureza vegetal regularmente lhes demarca, assinala lugares de significação. Os corpos rochosos com arte rupestre, sempre são narrados como lugares estranhos, e nas mais diversas e extensas paisagens atribuem a “lugares dos índios”, dos “caboclos brabos¹”, “dos antigos”. Em Monte Nebo, no município de Crateús, a Furna dos Caboclos I, que para a arqueologia pode se situar na macro-categoria de sítio de arte rupestre, não causava estranheza, e sim indignação diante dos acontecimentos que posteriormente serão apresentados, tendo como substâncias indiciais comunicativas ossos espalhados no interior da furna.

Os sítios de Arte Rupestre Furna dos Caboclos I e Furna dos Caboclos II estão situados no topo da Serra Nova, denominação local dada a um dos afloramentos areníticos que compõe a Serra da Ibiapaba. São dois abrigos contíguos, distando cerca de 8 m um do outro. Os vestígios arqueológicos evidentes nas duas furnas são diversos. Na Furna dos Caboclos I estão evidenciados, na superfície, apenas vestígios ósseos humanos, numa área de aproximadamente 33 m². Enquanto que, na Furna dos Caboclos II foi realizado um painel de arte rupestre e, logo abaixo do painel, há dois pilões esculpidos na rocha. No solo deste abrigo, em superfície, não há evidência de outros vestígios arqueológicos.

O painel de pinturas rupestres é composto, em quase sua totalidade, por grafismos do universo reconhecível. A tonalidade das pinturas é o vermelho escuro. As representações antropomórficas e zoomórficas (Figura 1) são predominantes: lagartos, lobo e um provável roedor. Estão representados ainda objetos circulares suspensos por uma linha – semelhantes à grafismos do sítio Xique Xique I, em Carnaúba dos Dantas, estado do Rio Grande do Norte que faz fronteira com o estado do Ceará, filiados à Tradição Nordeste, sub-tradição Seridó, onde figuras humanas parecem carregar potes, cabaças ou cestas (MARTIN, 1999). Apesar da desagregação da rocha e da forte precipitação de sais na área interna do painel, é possível distinguir um antropomorfo estático, de 45 cm, semelhante ao identificado na Toca da Extrema II, no Parque Nacional Serra da Capivara – outro estado também que faz fronteira com o Estado do Ceará – filiado à Tradição Agreste (MARQUES, 2000; 2009).



Figura 1: Pintura rupestre de antropomorfos e zoomorfos na Furna dos Caboclos II
Fonte: Marques (2016).

Morte dos Índios – Massacre 1849, palavras escritas a giz numa cruz de madeira fincada na área central do interior da Furna dos Caboclos I, denunciam a explicação para os ossos aflorados na superfície (Figura 2). O massacre está presente na memória dos índios da nação Potiguara e de muitos sertanejos na circunvizinhança. Este acontecimento foi cunhado de “Massacre da Furna dos Caboclos”, envolto nas tramas de traições e atrocidades. O Sr. Mariano Barata foi um dos índios Potiguara que mais zelou pela memória e transmissão desse genocídio², e na expectativa que fosse conhecido no futuro, deixou uma gravação em vídeo com a narrativa deste acontecimento. O Sr. Mariano era um agricultor que nasceu e viveu durante toda a vida em Monte Nebo. Além do respeito adquirido por ser o índio que guardava detalhes do acontecimento do Massacre da Furna dos Caboclos, sua notoriedade na comunidade também estava fundamentada por ser um hábil caçador. Conhecia extensas áreas de caça nos arredores de Monte Nebo. A Furna dos Caboclos era constantemente visitada por ele, principalmente quando ia caçar.

A história de vida do Sr. Mariano se inicia, em sua narrativa, com alusão à avó, a única parenta direta por consanguinidade que escapou das atrocidades do massacre. Este fato envolveu todo o grupo que estava dormindo na Furna dos Caboclos, onde o sono os tornara indefesos e a confiança, depositada em um trabalhador da fazenda, inibiu o estado de alerta em viver ou pernoitar naquele lugar.



Figura 2: Furna dos Caboclos I com vestígios ósseos humanos espalhados na superfície
Fonte: Marques (2016).

Os ossos lá dos caboclos foi o seguinte: aqui tinha o Zé de Barro Cascavel, chamavam Zé do Barro do cão. Aí ele criava muito bicho, aí os bichos daqui (aqui não era habitado por ninguém, só pelos índios), aí pegou os índios matavam ovelha, matavam gado e comiam os bichos dele lá. Aí ele chamou o cabra dele, tinha um rapaz que trabalhava mais ele e andava junto com os índios. Aí ele combinou com o rapaz pra saber a hora que os índios dormiam lá, aí eles vieram, aí foi bater na furna. Quer dizer, o rapaz que andava mais os índios, aí os cangaceiros já estavam lá perto. Os índios dormindo, agarrados no sono, aí ele cortou a linha dos arcos todinhos. Aí quando os índios amanhecerem já estavam sem força, aí mataram tudinho. Matou porque matou mesmo. Não ficou ninguém. Cortou a linha dos arcos aí os índios ficaram desarmados. E não é a minha história? Quando o velho soltou, a menina saltou e escapuliu, foi embora (BARATA, 2003).

Nas vozes dos índios da nação Potiguara essa narrativa ganha expressão e fundamenta o agenciamento sógnico de auto-pertencimento desta etnia. Charles Sander Pierce em sua constituição semiótica se refere as relações triádicas (signo ou “representâmem”, objeto e “interpretate”), onde o signo representa algo, o seu objeto. Se ressalta que esta representação ocorre em todos os seus aspectos, mas diz respeito a algum tipo de ideia, o seu “representâmem” (PEIRCE, 2005). Entre os índios da nação Potiguar os ossos da Furna dos Caboclos representam o Massacre de 1849 com uma potência que irá se espelhar na “luta indígena” atual, conforme irá fazer alusão a índia Potiguara Helena. Essa tradução sógnica pelos índios da nação Potiguara está exclusivamente demarcada pela linguagem oral, fundamentada pela investigação e veiculação como bem situa Pascal Quignard (2012, p. 22-3).

a linguagem é por si mesma a investigação. [...] A linguagem é a sociedade do homem (tatibitate, enfeite, família, genealogia, cidade, leis, tagarelice, cantos, aprendizagem,

economia, teologia, história, amor, romance), e não se sabe de ninguém que tenha se libertado dela.

Retomando a verdade externa, conforme foi referido inicialmente em alusão ao pensamento de Michel Foucault, essa narrativa histórica se constitui como uma outra voz que ressoa no saber arqueológico, pautado no conhecimento científico. Nesse horizonte não se trata propriamente do “poder de verdade”, mas, sobretudo, de ampliar os sentidos a que um sítio arqueológico poderia estar restrito, apenas, à categorização de “sítio arqueológico de arte rupestre com enterramento funerário”.

No início da década de 1990, habitantes do povoado de Monte Nebo, juntamente com índios de várias etnias do Ceará: Potiguara, Tremembé, Calabaça, Tabajara, reuniram-se nas Furnas do Caboclo e realizaram ritual religioso onde fincaram a cruz mencionada, rezaram, dançaram, e entoaram cânticos em sinal de lamento e de libertação dos espíritos dos mortos. Embora a maioria dos índios tenham sido vencidos e mortos, segundo as narrativas orais, a índia Potiguara Helena, uma liderança indígena, assim narrou:

no princípio, as primeiras visitas que a gente fez aos lugares que tem a memória, foi o Monte Nebo, foi o primeiro encontro grande que a gente fez, onde tem a memória dos povos, dos ossos, as marcas e a história que todo mundo conhece, foi a Furna dos Caboclos, como é conhecida. Então nós fizemos uma visita lá durante 3 anos seguidos, que a gente chamava uma romaria, foi em 1991, 1992 e 1993. Lá tem um grupo que conta a história do Sr. Mariano Barata, ele quem hospedava nós. O povo lá foi muito marcado por esse massacre que houve lá na região, então eles não deram um passo de se engajar e assumir junto com nós. Mas, ficou aquela marca no nosso pensamento (POTIGUARA, 2016).

A Furna dos Caboclos destaca-se dos demais lugares, considerados terra indígena, por estar associada à expulsão do povo da terra. A morte dos índios que lá se encontravam nos idos de 1849, e que nas narrativas dos povos indígenas atuais tem o ápice no massacre, denunciam o ato mais extremo de intolerância e atrocidade com os antepassados dos índios Potiguara. A medida em que visitaram a furna em rituais de respeito aos seus mortos, reviveram sentimentos de pertencimento e resistência às condutas que ainda hoje permeiam as atitudes de exclusão por parte da sociedade envolvente, nacional. Deste modo, o apelo à legitimidade, frente à resistência da dominação, se deu por participação coletiva, e não por uma “salvação” individual” (MILLER, 1988). Helena Potiguara faz um paralelo entre os acontecimentos pretéritos e os atuais, falando de modo enfático e identificatório: “esse povo deve ter lutado muito antes de morrer. Nós também, hoje, estamos lutando pelos nossos direitos” (POTIGUARA, 2016). No plano das práticas políticas atuais, o registro arqueo-antropológico dos ossos são os mais relevantes na memória, se instituindo como sinal diacrítico do grupo que resistiu e que ainda anima a “luta indígena” no presente.

CONCLUSÃO

399 Nas narrativas do Massacre da Furna dos Caboclos e da resistência indígena atual ocorre uma identificação entre a luta física, no passado, com a luta por direitos

sociais, no presente. Nesse sentido, a história oral, antropologia e arqueologia mantêm vínculos interdisciplinares promovidos a partir de um processo que é passível de ser construído mediante esforços de descolonização do pensamento europeu, marcado na modernidade, conforme dito na introdução deste artigo. Vale ainda ressaltar a superação da racionalidade e objetividade inscritos no pensamento positivista que também promovem o conhecimento do outro.

Numa perspectiva diacrônica, em ambos os períodos, demarcados no acontecimento do “Massacre dos Índios da Furna dos Caboclos” e na “luta indígena atual”, é notório o sentimento de exclusão dos índios Potiguara, de não pertencimento social, que configurou e justificou o sentido da luta. O massacre não demarcou toda a extensão da morte da cultura dos índios Potiguara de Crateús. A sobrevivente da família Barata assegurou a retransmissão desta cultura no signo dos ossos presentes no contexto da furna com expressões de arte rupestre. Ressalta-se que estas atrocidades não estão circunscritas em ocorrências pontuais. Ao discorrer sobre as práticas de genocídio, Clastres (2004) afirma que desde a expansão colonial no século XIX, ao serem constituídos impérios coloniais pelas grandes potências europeias, há massacres metodicamente impostos às populações autóctones.

MULTIVOCAL RESISTANCE: NEW INTERSECTION AND SIGNIFICANCE OF PRE-COLONIAL SITES

Abstract: rock art sites are not endowed with a pre-determined meaning in the process of being revealed only in the field of scientific research; on the contrary, their effective histories have been reached by multiple interpretations over time, and they can maintain ties with the most diverse narrators about cultural and historical contexts. In the State of Ceará, Northeast Brazil, at the Furna dos Caboclos I e Furna dos Caboclos II sites archaeological, the bones scattered inside one of these coats were attributed to a massacre in 1849.

Keywords: *Rock Art. Multivocality. Decolonization. Resistance. Genocide.*

Notas

- 1 Os sertanejos se referem a brabos, como pessoas arreadias.
- 2 O conceito jurídico de genocídio foi criado em 1946 no processo de Nuremberg, onde se registrou o extermínio sistemático de judeus (CLASTRES, 2004).

Referências

- BARATA, Mariano. *Imagem digital*. Vídeo realizado por amador. Comunidade de Monte Nebo, Crateús-Ceará, em 20 de maio de 2003.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Paz e Rio de Janeiro: Terra. 1996.
- BENDER, Barbara. The roots of inequality. MILLER ; ROWLANDS Michael, TILLEY, Christopher. *Domination and Resistance*. Routledge. London and New York. 1988.
- CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da violência*. São Paulo: Cosac y Naify. 2004.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34. 1997.

- FOUCAULT, Michel. *La verdade y las formas jurídicas*. Barcelona: Gedisa. 1978.
- LATOUR, Bruno. Por uma antropologia do centro. *Mana*, v.10, n. 2, p.397-414, 2004.
- LATOUR, Bruno. *Nunca fuimos modernos*. Buenos Aires: Siglo XXI. 2007.
- MARQUES, Marcélia. *Grafismos rupestres do Sertão Central do Ceará: análise técnica e estado de conservação*. Dissertação (Mestrado em 2000) – Departamento de História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2002.
- MARQUES, Marcélia. *Materiais e saber na arte rupestre*. Museu do Ceará. RDS. Fortaleza. 2009.
- MARTIN, Gabriela. *Pré-história do nordeste do Brasil*. Recife: UFPE. 1999.
- MILLER, Daniel The limits of dominance. MILLER, Daniel, ROWLANDS Michael, TYLLEY, Christopher. *Domination and resistance*. New York : Routledge.1988.
- OLSEN, Bjørnar. Scene from a troubled engagement: post-structuralism and material culture studies. TILLEY, C.; KEANE, W.; KÜCHLER S.; ROWLANDS, M.; SPYER, P. *Handbook of material culture*. London. 2006.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Perspectiva. São Paulo. 2005.
- POTIGUARA, Helena. Helena Potiguara. Entrevista concedida à autora, Marcélia Marques. Crateús-Ceará, em 18 de janeiro de 2016.
- QUIGNARD, P. *Marco Cornélio Frontão: primeiro tratado de retórica especulativa*. São Paulo: Hedra. 2012.
- WEISMAN, B. R. Nativism, resistance, and ethnogenesis of the Florida Seminole indian identity. *Historical Archaeology*, v. 41, n. 4, p.198-212. 2007.

